

**OLHOS DOCES DA BURRA – O ANIMAL E AS ANIMALIDADES
N’O *TRIGO E O JOIO* (1954) DE FERNANDO NAMORA**

***CUTE EYES OF A DONKEY – ANIMAL AND ANIMALITY IN
FERNANDO NAMORA’S (1954) NOVEL O TRIGO E O JOIO***

*Magdalena Doktorska*¹

RESUMO

No presente artigo pretende-se analisar o romance *O Trigo e o Joio* (1954) de Fernando Namora na base do aparelho metodológico proveniente dos Estudos Animais. Conceitos ligados com esta disciplina emergente permitem investigar as (inter)relações entre os protagonistas humanos e o(s) animal(is) no romance, assinalar as relações de poder, como também indicar as possíveis saídas da realidade opressora do Alentejo retratado no romance.

PALAVRAS-CHAVE: Fernando Namora; Estudos Animais; zooliteratura; Alentejo.

ABSTRACT

This paper intends to analyse Fernando Namora’s 1954 novel called *O Trigo e o Joio*, based on the methodology derived from Animal Studies. Concepts linked to this emerging discipline can allow us to investigate (inter)relationships between human and non-human protagonists, show power relations and, also, indicate possible exits of the oppressive reality portrayed in the novel Alentejo region.

KEYWORDS: Fernando Namora; Animal Studies; zooliterature, Alentejo

¹ Mestre (2014) em estudos ibérico pelo Instituto de Estudos Ibéricos e Iberoamericanos da Universidade de Varsóvia, com a dissertação „As poéticas do existencialismo – a revelação do “eu” e o(des)encontro com o “outro” nos romances *Aparição* (1959), *Estrela Polar* (1962) e *Alegria Breve* (1965) de Vergílio Ferreira”. Doutoranda na Faculdade de Novas Filologias da Universidade de Varsóvia. Professora de Pensamento Filosófico Português no IIEI UV. O projecto doutoral subordinado ao tópico: As narrativas de crise na literatura portuguesa contemporânea – os conflitos entre o progresso e a tradição – em obras dos escritores do início do século XXI (orientadora: Professora Doutora Anna Kalewska, IIEI UV).



O conceito de ligar as noções provenientes de animal studies à obra de Fernando Namora pode, à primeira vista, parecer uma aposta arriscada, pois o Autor de *O Trigo e o Joio* (1954) é o representante do neorrealismo português (SARAIVA, LOPES, 1996, p. 1034-1039, COELHO, 1976, p.289-291), então um movimento literário bem delineado historicamente, cujas linhas ideológicas e estratégias narrativas foram apoiadas nos axiomas de materialismo dialéctico-histórico, isto é de marxismo, que tenha posto no centro do seu interesse a luta dos seres humanos contra as desigualdades sociais (REIS, 2005, p. 13-14). Neste contexto, o primado nos romances neorrealistas foi cedido ao ser humano, imprimindo estes textos com o humanismo forte e pondo no centro do seu interesse a condição humana. Os *animal studies*, por outro lado, situam-se na rede de estudos pós-humanistas que na sua totalidade tentam deslocar o ser humano, e daí o humanismo na acepção clássica do termo, do centro do discurso. Por outras palavras, os estudos animais vão questionar a posição excepcional do ser humano perante outros seres viventes.

Ora, apesar das sobremencionadas discordâncias, poder-se-ia encontrar pontos de convergências entre estas duas visões e conceitos filosóficos, pois no cerne dos animal studies, e da zooliteratura como o seu ramo particular, pode-se encontrar uma vocação para desconstruir estruturas e oposições binárias que servem para instalar e conservar as relações de poder e de opressão (GUIDA, 2011, p. 288). Desta maneira, poderiam criar ou indicar o possível potencial emancipatório.

Por seu turno, o facto de que o motivo da figura animalesca da burra n’*O Trigo e o Joio* (1954) constitui um dos vectores mais fundamentais a cerca da qual se desenvolve a narrativa do romance de Namora, ao lado da forte presença da «relação mimética homem-paisagem» (RODRIGUES, 1981, p.81), é a nós cativante apostar no tal desafio capaz, talvez, de revelar os novos temas, territórios e apreensões.

A disciplina de animal studies (estudos animais), ou Human-Animal Studies (HAS), é uma área de estudos interdisciplinares que explora as áreas que os animais ocupam na cultura e na sociedade humanas, dando um enfoque especial às relações que nascem do encontro entre os animais e os seres humanos (DEMELLO, 2012, p. 4 -5; GUIDA, 2011, p. 287). Os estudos animias constituem um ramo de investigações que nasceu da reflexão pós-humanista, sendo esta uma resposta à crise da hermenêutica pós-moderna. Ora, o pós-modernismo, nascido da reflexão pós-estruturalista de filósofos continentais como Jacques Derrida, Jacques Lacan e Roland Barthes, vigiava a realidade que seria configurada como uma formação discursiva. Foi nos anos 80 do século XX quando o pós-estruturalismo observou uma volta dirigida à acepção cultural de fenómenos observados, focalizando-se na análise de processos que ocorrem na e dentro da cultura, afastando deste modo o elemento estritamente linguístico para as posições secundárias. O primado neste ramo de reflexão foi cedido às teorizações de Michel Foucault sobre o biopoder, inaugurados com a obra *O Nascimento de Biopolítica* (1978) cujo enfoque teórico é cedido ao conceito/aspecto biológico da vida, moldado e controlado esse pelo poder político (ŁADYGA; WŁODARCZYK, 2015, p. 8-9).

Outra fonte, destacada como constitutiva para o desenvolvimento dos estudos animais é a outra obra do sobremencionado filósofo francês, isto é *As Palavras e As Coisas. Para uma Arqueologia das Ciências Humanas* (1966), um estudo dedicado à análise de *epistemés*, na qual surge o aclamado² conceito da «finitude de homem» (FOUCAULT, 1991, p. 353). Constatação esta, que no fundo considera o conceito do ser humano como uma construção historicamente enraizada nos últimos duzentos anos (FOUCAULT, 1991, p.348, ŁADYGA, WŁODARCZYK, 2015, p. 11-12) funcionou como o fundamento filosófico para as teorizações do pós-humanismo. Entre outros filósofos continentais que influenciaram o desenvolvimento dos conceitos empregados neste campo de estudos pode-se enumerar Giorgio Agamben, Julia Kristeva, Gilles Deleuze e Félix Guattari, Bruno Latour ou Rosi Braidotti (GUIDA, 2011, p. 288; WŁODARCZYK, 2015, p. 26; SCHOLLENBERGER, 2014, p. 314; OŽÓG, 2014, p.79; WOLFE, 2009, p.565). Resumindo, para esta disciplina foram importantes os pensadores que por um lado se inscrevem na reflexão marxista ou pós-marxista e, por outro lado, pertencem ao grupo de chamada *Nietzsche renaissance* na filosofia francesa.

Margo Demello, na sua obra *Animals and Society. An Introduction to Human-Animal Studies* (2012) define os objetivos principias de animal studies como ligados com a pergunta de como é que se constrói o conceito de animal na cultura e no pensamento. A outra pergunta valente para este tipo de estudos é como é que se muda a percepção de viventes não humanos quando estes são incorporados no mundo humano. Como é que os afectam as categorias, provenientes da cultura e perspectiva humanas, segundo as quais são inscritos? Por outras palavras, a investigadora ressalta aqui o problema da subjectividade humana imposta à dos animais que poderia, em consequência, levar à sua coisificação e à redução à condição de um mero objecto. Outros temas centrais para o supramencionado campo de estudos consistem no tema da denúncia da exploração do animal nas estruturas económicas ou no questionamento dos fundamentos e justificativas que criam a linha da divisão rigorosa e estrita entre o ser humano e outros seres viventes. Deste modo os animal studies, como o ramo de pós-humanismo, interrogam os princípios teóricos que destacariam o animal humano como um ser excepcional entre outros seres e organismos vivos do planeta (DEMELLO, 201, p. 10, 18, 20, 32-33). Como o tinha dito Cary Wolfe, um nome de referência no campo de animal studies, os estudos animais tendem para abalar a tendência de criar as divisões estáticas e binárias, típicas para a modernidade. Simultaneamente, procuram novas materialidades e novos modos de entender o ser humano como um ser vivente entre outros (WOLFE, 2009, p. 572).

É nesse panorama que se desenvolvem os animal studies que recorrem aos conceitos provenientes de bioética, antropologia, filosofia, ecologia, o activismo pelos direitos de animais, etologia e *last but not least*, os estudos literários (GUIDA, 2011, p. 288). Estes últimos

² E muito criticado na época da sua primeira publicação em Portugal; veja as críticas de Eduardo Lourenço e Vergílio Ferreira feitas da posição fenomenológica e existencialista, adicionadas à mencionada edição.

funcionam sob o nome de zooliteratura e zoopoética. Maria Esther Maciel, uma pesquisadora brasileira que se ocupa da zooliteratura, quando ressalta a importância de análises zoopoéticas na literatura, observa que

o esforço de entrar no espaço mais intrínseco da vida animal nunca deixou de desafiar poetas e escritores de todos os tempos e tradições. Seja através da sondagem (por vezes erudita) do comportamento e dos traços constitutivos dos bichos de várias espécies, realidades e irrealidades, seja através da encenação de um vínculo afetivo com eles, ou da tentativa de antropomorfizá-los e convertê-los em metáforas do humano, muitos foram e são os autores voltados para a prática do que se nomeia hoje de zooliteratura. (MACIEL, 2007, p. 197)

Nesta linha de interpretação, e ancorando as nossas análises nos pontos teóricos acima assinalados, gostaríamos de analisar as funções que assume a figura de animal no romance de Fernando Namora.

Ora, o romance de Fernando Namora intitulado *O Trigo e o Joio* (1954), considerado pelo crítico e filósofo português Miguel Real como «alto cume de realismo em Portugal» (REAL, 2012, p. 71), constitui um retrato romanesco do Alentejo pobre e rural no qual a descrição da condição social dos pequenos proprietários agrícolas coincide com a crítica mais ampla das relações socioeconómicas reinantes na região. Essas geram, e sobretudo conservam, as desigualdades e fortes divisões entre as classes sociais e económicas.

O eixo estrutural do supramencionado romance, para relembrar o enredo, circula em torno das tentativas de modernizar a propriedade de camponês Loas, um dos personagens principais do romance. Para atingir tal fim, Loas, depois de ter falhado com a modernização mais “progressista” na forma de instalar o engenho de irrigação, insiste em comprar uma burra que seria um auxílio considerável no amanho da terra e outras labutas do campo. Para efectuar tal compra, Loas incumbe Barbaças, um vadio da vila e trabalhador agrícola, que se tornou num familiar seu. Barbaças, embora com as boas intenções, não consegue resistir às tentações de Vieirinha, um pícaro da vila, e defrauda o dinheiro e a esperança nele depositados, entregando-se às diversões da feira. A partir deste momento, o romance narra os esforços de recuperar o dinheiro perdido e o empenho de comprar a burra, tendo por seu pano de fundo a amizade e a solidariedade humanas perante as condições sociais desfavoráveis que alastravam pelo Alentejo da época antes da revolução de cravos de 25 de Abril de 1974.

Urbano Tavares Rodrigues ao analisar esta obra de Namora, indica que *O Trigo e o Joio* (1954) pode ser lido como o romance com uma carga forte de simbolismo, imbuído pela metáfora de esperança (RORDRIGUES, 1981, p. 89). Neste quadro, a figura da burra adquire um significativo de representar uma possibilidade da emancipação económica e social, pois da sua presença no monte depende a melhoria da família inteira. No entanto, a figura da burra, na nossa óptica, ultrapassa o sentido simbólico que lhe atribuído, desempenhando outras

funções no romance de Fernando Namora. O que se destaca são as relações entre o animal e os protagonistas, criando as dinâmicas e novas perspectivas para as relações entre os seres humanos e não humanos.

Ora, o traço mais relevante d’*O Trigo e o Joio* (1954) é que este romance está perpassado pela expectativa ansiosa e ao mesmo tempo desejosa de acolher o animal na fazenda, um sentimento que ultrapassa e constitui o motor da fábula da primeira parte do texto.

Já no dia da partida para a compra do animal no monte das Malhadas, na herdade de Loas sente-se uma inquietação impaciente que provoca Barbaças para reflectir de que «nunca ligara a mínima importância a uma alimária tão passiva como é uma burra» e de que «chegava a ser heresia pensar num bicho daqueles como se se tratasse de gente, como se se tratasse de família – mas não podia negar que era precisamente isso que lhe estava a acontecer» (NAMORA, 1974, p. 225-226). Barbaças, neste fragmento supracitado, pressente a relação especial para com o animal que logo acabará de ser incorporado na família alentejana. É interessante observar que embora Barbaças no início considere a igualação do animal com o ser humano um conceito bizarro ou fora do habitual, logo normaliza este acto.

É de sublinhar que como o novo membro da família, a burra adquire o estatuto especial; a sua vinda é antecipada com a renovação de estaleiro e a sua figura torna-se o tema central das conversas e preocupações da família.

Vale ressaltar, porém, de que a anterior tentativa de melhorar a situação da família, isto é, o engenho da irrigação cuja instalação falhou por causa de incompetências ora de Loas ora de engenheiro responsável pela tal tarefa, é deixado para enferrujar. O abandono da máquina não representa apenas a falta de conhecimentos e, sobretudo, a crítica social de permanência de analfabetismos nos estratos mais baixos da sociedade portuguesa da época do Estado Novo, mas também constitui um elemento que interfere com imagem telúrica do Alentejo. Ora, o engenho é apenas um mero objecto, mecânico e desanimado, incapaz de criar uma relação orgânica e íntima com a terra³. Por outro lado, é a burra quem é capaz de enquadrar-se melhor na máquina-courela e daí, recomeçar a produção parada.

Para essa o animal vivo é sim capaz de gerar uma ligação afectiva e é neste sentido que a burra ultrapassa a simples função de animal de carga, explorado para os fins económicos, ou seja, de uma ferramenta de trabalho. Ainda mais; a burra constitui um desígnio da suposta prosperidade futura e compõe o elemento que faltava para recomeçar o ciclo da produção na courela, interrompido pela introdução do elemento alheio, isto é a sobremencionada engrenagem.

3 Uma boa ilustração das relações orgânicas para com a terra e os animais poderia ser representada pelo cante chão tradicional, no qual o animal encarregado de lavrar a terra com o arado trabalha no ritmo do canto de lavrador. Um dos exemplos de cante chão pode ser visto no filme documentário de etnomusicólogo Michel Giacometti, *O Povo que Canta* (1971-1974). Disponível em: <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/cantos-de-trabalho/> [acesso 31.07.2019]

Curiosamente, o romance de Namora parece apresentar a atitude altamente ambígua perante a presença da técnica no ambiente rural português da metade do século XX. Por um lado, mostra a incapacidade de modernizar as pequenas propriedades agrícolas, nas quais reinam a pobreza e os efeitos imediatos de falta de escolarização, cujo resultado é a permanência das atitudes telúricas, nas quais todos os elementos da modernidade como os carros ou o apoio mecânico à cultura da terra, constituem uma infração da ordem secular. Por outro, o Alentejo d’*O Trigo e o Joio* (1954) está perpassado pelo forte sentimento da viragem e mudança, simbolizada pela presença cada vez mais veemente das máquinas como camionetas ou o comboio, cuja passagem anunciada pelo águado estrépito, interfere com a imagem arcádica da província portuguesa. A insistência de Loas pela presença da burra na sua courela, neste quadro, seria um acto da resistência perante as inevitáveis mudanças e a destruição da relação orgânica, artesanal e integral com a terra.

O estatuto excepcional da burra pode ser comprovado pela citação seguinte, um diálogo entre Vieirinha e Loas que reproduzimos abaixo na sua íntegra:

- Achas então que ela volta? - perguntou o Vieirinha, esmolando uma esperança
- A burra?
- Não, homem. Essa cabra que me fugiu.
- Ah, julguei que pensavas que a burra nos tinha fugido...Mas fala-se nela por aí?
- Na mulher?
- Na burra, gaitas!
- Olha, compadre Loas, eu estou a falar da mulher. (NAMORA, 1974, p. 262)

Neste diálogo cheio de humor jocoso, que exprime os desejos dos dialogantes – o receio e a ânsia de Loas para a aceitação e reconhecimento e o de amor e satisfação sexual em Vieirinha – o animal está confundido por Loas com a mulher. Situação esta, além de ser a fonte de um *quid pro quo* humoroso, exprime a aproximação, na beira de confusão, entre o animal e os restantes personagens do romance. Questiona assim as relações hierárquicas e verticais entre os seres vivos, criando assim as relações horizontais e, em consequência, mais democráticas.

Esta proximidade será posta à prova no momento fundamental para o desenvolvimento da fábula d’*O Trigo e o Joio* (1954), isto é, no preciso momento quando Loas soube a má notícia de que o animal pertenceu antes a uma leprosa. Loas, empavorecido pela visão de que o animal veio à sua casa, contaminado com os germes da lepra, pensa em abatê-la. Antes, quer se certificar se as defumações, feitas de acordo com as dicas do curandeiro local, deram um resultado qualquer. Por isso, visita a burra no estaleiro onde:

viu-lhe os olhos doces e magoados, viu lhe qualquer coisa que podia ser um clarão de lágrimas, o gemido de uma besta ferida ou agonia que, de solitária, era desesperada. O animal pressentia a doença a minar-lhe as entranhas. E foi então que o Loas identificou o cheiro que preenchia a courela e as suas narinas. O cheiro vinha da besta, era a lepra que cheirava. (NAMORA, 1974, p.322)

É uma encenação de reconhecimento mútuo: o do protagonista do romance que descobre a evidência do contágio nos olhares do animal e o do animal que parece pressentir a irrevogabilidade da sua morte pelas mãos de dono. A burra no passo supracitado parece ser antropomorfizada, pois é lhe atribuída a consciência da própria doença misturada com o sentimento de passiva resignação perante o seu fado. Neste momento vale a pena indicar que os animal studies frequentemente entendem o acto de antropomorfizar os animais na literatura como mais um modo de apropriação e deformação da outridade dos animais, feita pelos animais humanos (WOLFE, 2009, p. 567, DEMELLO, 2012, p. 20). Porém, o passo citado não é este caso, embora possa assim parecer pela primeira vista.

Ora, a narrativa de Fernando Namora resiste tais tentações; é porque, no trecho acima reproduzido, a burra e os sentimentos a ela outorgados constituem a projecção de Loas. É com os seus olhos que observamos o animal. Este, por seu lado, funciona como um espelho e uma reflexão para as esperanças, os medos e as outras emoções nela depositados pelos restantes protagonistas do romance. Poder-se-ia dizer que a burra no romance analisado constitui um vazio semântico que pode ser preenchido com conteúdo qualquer.

Contudo, a função do animal no romance de Fernando Namora não só é limitada a um uso simbólico mas entra nas dinâmicas com as outras personagens. Entre elas seria interessante ver aquela entre a burra e o personagem de Barbaças.

Este é, como já mencionado, o trabalhador agrícola da origem incerta que vive de roubos ocasionais, biscates e ceifas nos latifúndios. O elemento que o distingue é o de ser o sobrevivente da contaminação com o tétano, o facto que lhe cede o estatuto daquele que venceu a morte: «para gáudio do burgo, regressou à vida» (NAMORA, 1974, p. 25). Além deste estatuto especial, Barbaças não consegue fixar-se para longe em qualquer lugar e leva a vida a errar entre a vila e o campo. Urbano Tavares Rodrigues chamou a atenção para o facto de que esta personagem possui as características de um pícaro⁴ que também toma a pose de bobo e palhaço (RODRIGUES, 1981, p. 93). Ainda mais, na nossa óptica, Barbaças constitui um personagem liminal, isto é, aquele que permanece na fronteira incerta entre duas esferas, sejam elas simbólicas, sejam reais. De facto, Barbaças parece suspenso entre a vila e o monte, entre a natureza e a cultura, entre a família de Loas e a vagabundagem errante e despreocupada. Mesmo quando Barbaças fixa o seu lugar no monte de Loas, parece sempre preparado para sair dali e voltar a uma vida vadia.

4 O crítico português indica igualmente que *O Trigo e o Joio* (1954) possui as marcas do romance picaresco (RODRIGUES, 1981, p. 92).

Por seu turno, a sobremencionada condição liminal de Barbaças está também ilustrada pela sua aparência descuidada, reforçada pelo seu cognome de “Barbaças” e a maneira como come as refeições: «Comera a pratada em dois tempos, como quem se lança a um assalto, lambuzando-se, não acertando muitas vezes com o caminho da boca (...) D.Quitéria se sentiu chocada com esses modos de lobo» (NAMORA, 1974, p. 212). Neste horizonte, a comparação com o lobo, intensifica o sobremencionado estatuto.

Ao não pertencer a nenhum lugar concreto, ou pelo contrário, ser de- e estar em todos os lugares ao mesmo tempo, Barbaças, que tem a «dignidade de homem livre», (NAMORA, 1974, p. 26) não faz parte das hierarquias nem das classes sociais bem delineadas do Alentejo apresentado nas páginas do romance de Fernando Namora. Sendo uma personagem que vem de fora, ultrapassa e, simultaneamente, desconstrói as oposições e divisões binárias que fragmentam a realidade e servem para tecer e conservar as relações de poder. Daí será exactamente Barbaças, e não Loas nem Vieirinha, a levantar-se contra a violência simbólica do latifundiário.

Ainda mais, a personagem secundária de Barbaças pode ser também caracterizada por sua relação com a burra. Ora, o que o prende ao microcosmo do monte de Loas é precisamente o sonho telúrico da terra, concretizado na forma do animal: «Agora já ele conhecia a significação de um simples bicho e de um pedaço de terra na vida de um homem. Eram coisas que ficavam gravadas na carne como uma tatuagem» (NAMORA, 1974, p. 199). No fragmento citado é precisamente o animal que liga Barbaças ao mundo da “cultura”, entendida esta também de forma mais vasta, como a interação entre o ser humano e o seu ambiente natural. Barbaças, embrutecido pelas condições precárias e liminais nas quais antes vivia, ao participar nos trabalhos da courela e, sobretudo, ao criar uma relação com o animal doméstico, inaugura o processo de sedentarização: «mas o Barbaças, por sentido que se mostrasse, já não seria capaz do gesto pimpão de regressar à vila. Nos seus ressentimentos havia agora a cobardia do rafeiro que, acima de tudo, teme ser escorraçado. Que mudanças tinham acontecido nas pessoas da courela!» (NAMORA, 1974, p. 328). Por outras palavras, o motor da ligação afectiva com a família de Loas, o abandono da condição nómada em favor da terra e o desenvolvimento do amor por ela foi não só o efeito da aceitação incondicional da família alentejana mas também o resultado da relação desenvolvida com a burra e os sonhos da prosperidade por ela representados. Neste contexto, o animal funciona como o ponto de convergência das linhas traçadas pelos desejos e aspirações dos personagens do romance.

Por outro lado, as qualidades e as características da burra para iniciar os processos produtivos, em sentido foucauldiano de termo, de criar as novas afectividades e reconfigurar as ordens estagnadas, constituem uma ameaça e um perigo vital para Joana, a mulher de Loas. Ora, os seus sonhos e desejos diferem dos de Loas e Barbaças, sendo enraizados e formados pelo diferente paisagem e diferentes motivações. Ao contrário de Barbaças, Joana não consegue estabelecer o laço afectivo com as planícies do Alentejo. Neste sentido, Joana coloca-se ao lado oposto das ambições das restantes personagens. Atravessada pelas saudades do norte, no início

participa nos esforços de comprar e tratar do animal que seria o auxílio no campo. Mas quando todos os obstáculos e as peripécias ligadas com a compra de animal desaparecem, a mulher mata o animal. Este acto, além de ser uma ilustração do desejo de abandonar a terra cruel e desfavorável do Alentejo, constitui também o acto de revolta e o momento da emancipação desta personagem. Joana, que no início se apresenta como muda e passiva, ao longo da narrativa lentamente deixa de ser passiva e adquire a voz própria. Mais uma vez o catalisador desta alteração é a burra.

No romance neorrealista *O Trigo e o Joio* (1954), de Fernando Namora, a burra constitui o ponto da focalização do enredo. A sua presença e importância contestam as hierarquias baseadas na divisão binómica entre a cultura e a natureza, constituindo o motor de desenvolvimento interno dos personagens, tornando-se, desta maneira, mais um protagonista do romance. A incorporação do animal à família alentejana, um acto que mina a divisão ser humano-animal, possui em si uma carga revolucionária porque questiona e desafia, desta maneira, outras ordens e configurações sociais reinantes no Alentejo, apresentados no romance.

Referências:

COELHO, Jacinto do Prado. Fernando Namora: Quando a Ficção é Testemunho. In: _____. **Ao Contrário de Penélope**. Lisboa: Bertrand, 1976, p.289-292.

DEMELLO, Margo. **Animals and Society. An Introduction to Human-Animal Studies**. New York: Columbia University Press, 2012.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e As Coisas. Para uma Arqueologia das Ciências Humanas**. Lisboa: Edições 70, 1991.

GUIDA, Angela Maria. *Literatura e Estudos Animais*. **Raído**, vol.5, no.10, 2011, p.287- 296.

ŁADYGA Zuzanna; WŁODARCZYK, Justyna. *Wstęp. Po Humanizmie. Od Technokrytyki do Animal Studies*. Gdańsk: Wydawnictwo Naukowe Katedra, 2015, p. 7-22.

MACIEL, Maria Esther. *Zoopoéticas Contemporâneas*. **Remate de Males**, vol. 27, no 2 2007, p. 197 – 206. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8636004/3713> [acesso: 29.07.2019].

NAMORA, Fernando. *O Trigo e o Joio*. 12.ed. Amadora: Bertrand, 1974.

OŻÓG, Maciej. Oblicza zoe-filii. Nowe interpretacje dychotomii bios/zoe we współczesnej humanistyce. **Człowiek w Realacji do Zwierząt, Roślin i Maszyn w Kulturze. Od Humanizmu do Posthumanizmu. Tom 1**. Katowice: Wydawnictwo Uniwersytetu Dolnośląskiego, 2014, p.79-90.

SARAIWA, António J.; LOPES, Óscar. **História da Literatura Portuguesa**. 17 ed. Porto: Porto Editora, 1991, p.1032-1039.

REAL, Miguel. **O Romance Português Contemporâneo 1950-2010**. Lisboa: Editorial Caminho, 2012.

REIS, Carlos. **História Crítica da Literatura Portuguesa. Do Neo-Realismo ao Post-Modernismo**. Lisboa: Editorial Verbo, 2005.

RODRIGUES, Tavares Urbano. Análise da Obra de Fernando Namora a partir de «Retalhos da Vida de um Médico» e de «O Trigo e o Joio». In: **Um Novo Olhar sobre o Neo-Realismo**. Lisboa: Moraes Editora, 1981, p. 73-101.

SCHOLLENBERGER, Justyna. Przestrzenie koegzystencji – dyskurs posthumanizmu wobec tezy o relacyjnym sposobie istnienia. **Człowiek w Relacji do Zwierząt, Roślin i Maszyn w Kulturze. Od Humanizmu do Posthumanizmu. Tom 2**. Katowice: Wydawnictwo Uniwersytetu Dolnośląskiego, 2014, p.311-323.

WŁODARCZYK, Justyna. Rasa, Klasa, Płeć, Gatunek? Metodologie w Animal Studies. **Po Humanizmie. Od Technokrytyki do Animal Studies**. Gdańsk: Wydawnictwo Naukowe Katedra, 2015, p. 23-54.

WOLFE, Cary. Human, All to Human: “Animal Studies” and the Humanities. **PMLA**. vol. 124, no.2 (Mar.2009). Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/25614299> [acesso: 28.07.2019].